

The Project Gutenberg eBook of O Centenario de José  
Estevão: Homenagem da Maçonaria Portuguesa

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O Centenario de José Estevão: Homenagem da Maçonaria Portuguesa

Author: S. de Magalhães Lima

Release date: December 16, 2008 [eBook #27542]

Language: Portuguese

Credits: Produced by Pedro Saborano. A partir da digitalização disponibilizada pela bibRIA.

\*\*\* START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O  
CENTENARIO DE JOSÉ ESTEVÃO: HOMENAGEM DA MAÇONARIA  
PORTUGUEZA \*\*\*

# O Centenario de José Estevão

## DISCURSO

PRONUNCIADO NO THEATRO DE AVEIRO

EM NOME DA

Maçonaria Portuguesa

MAGALHÃES LIMA

# O Centenario de José Estevão

HOMENAGEM

DA

# Maçonaria Portuguesa.

LISBOA  
Composto e impresso na Typ. La Bécarre, de F. Carneiro & C.<sup>a</sup>  
47, Rua Nova do Almada, 49  
1910

*Aos*

## Maçons Portuguezes

*Meus companheiros e meus Irmãos*

Lisboa, 26 de Dezembro de 1909.

*Magalhães Lima*

SENHORAS E SENHORES:

A vossa manifestação toca profundamente o meu ser, faz vibrar a minha alma, não porque me lisongeie o applauso do publico, o applauso da galeria, que é tudo quanto ha de mais ephemero como ephemera é a espuma do mar que o vento leva (os persas adoravam o sol, quando estava no seu zenith e apedrejavam-no, quando desaparecia no horisonte; as folhas do loureiro são narcoticas, entorpecem e provocam o somno, e os idolos só são idolos, ai d'elles! emquanto se lhes não vêem os pés de barro!) mas porque reconheço quanto ha de sincero, de espontaneo, de effusivo e de tocante na vossa homenagem.

### **Aveiro, pátria de José Estevão**

Bem se póde dizer, senhoras e senhores, que fômos criados e embalados no mesmo berço; que respirámos, juntos, o mesmo ar sadio da liberdade que nos trouxe a brisa do mar; que partilhámos das mesmas alegrias; que pranteámos nos mesmos pesares e que bebemos pela taça da mesma amisade effusiva. Em Aveiro, tenho a minha familia natural e a minha familia espiritual—que sois todos vós! Perante a minha razão, ambas são igualmente legitimas. Fomos companheiros e somos irmãos. Por isso podeis bem imaginar, podeis bem aquilatar, com que intimo alvoroço, com que profundo recolhimento, venho hoje aqui, n'este dia solemnissimo (*sursum*

*corda!*) em que o corpo se me curva, ao mesmo tempo pelos annos e pela commoção, semelhantemente a uma arvore amada, tronco bemdito, tronco sagrado! que afagámos em criança e que vimos crescer; sim, repito, podeis bem imaginar e aquilatar com que entranhada devoção, venho hoje aqui recordar antigos camaradas queridos que caíram na estacada, ao sôpro de ventos inclementes, porventura impiedosos. E entre outros, apraz-me citar Mendes Leite, Bento e Bernardo Magalhães, Agostinho Pinheiro, Francisco Rezende, Manuel Firmino de Almeida e Maia, Almeida Vilhena, Julio Pereira de Carvalho e Costa, Manuel de Mello Freitas, Chrispiniano da Fonseca, Manuel Gonçalves de Figueiredo, e tantos outros que alentaram a minha mocidade e foram para mim como que arco-iris luminosos na primavera da vida.

Não procuro inquirir das suas ideias politicas, nem isso importa, n'um momento em que todos os aveirenses, ousarei mesmo dizer, em que todos os portuguezes estão ligados, unidos, estreitados e vinculados pelo mesmo pensamento, pelo mesmo sentimento e pela mesma vontade. A hora é para a conciliação: não é para a repulsão. A hora é para o amor e para a concordia: não é para o odio e para a vindicta. É uma hora de jubileu nacional que não comporta nem sectarismos nem exclusivismos.

Um mixto de melancholia pungente e de alegria intensa me domina e avassala: de tristeza pelos que desapareceram, sombras queridas atraz das quaes corremos em vão, numa ancia febril, quasi infantil; de alegria, pelos que, escapados ao naufragio, eu vim hoje aqui celebrar, glorificar e acclamar, com o desvanecimento com que os antigos romanos exclamavam, orgulhosos: *civis romanus sum*, sou cidadão romano; com o orgulho com que Miguel Angelo bradava nos ultimos annos da sua vida: *Anch'io sono pittore*, ainda sou pintor. Com esse mesmo desvanecimento poderei exclamar: *sou cidadão aveirense*. Com esse mesmo orgulho, o orgulho de Pericles, depois da segunda derrota do Peleponeso, poderei bradar: *eu de mim sou o que era e estou onde sempre estive!*

Como poderia occultar, com effeito, o enternecimento que me enche o coração, n'uma onda de amor, n'uma emoção intraduzivel, ao encontrar-me de novo n'esta pittoresca cidade de Aveiro, onde, através um delicioso kaleidoscopio, entrevejo, em doce visão, o cysne do Vouga, na sua alvura immaculada, como o cysne do *Lohengrin*; em Aveiro, a minha patria adoptiva, *terra mater*, onde jazem os restos mortaes de uma mãe adorada; onde deixei o exemplo sugestivo de um pae honrado e forte; onde tenho um irmão, exemplar raro de elevação moral e intellectual; onde recebi, pela primeira vez, a palavra de ordem, para os rudes combates da existencia; onde, semelhantemente ao peregrino, ao romeiro que, depois de ter percorrido longinquas paragens, regressa ao lar, não para topar com a desillusão cruel, como o Frei Luiz de Sousa, mas como o Fausto da lenda, para reviver na sua Margarida fiel, isto é, no coração fiel—venho encontrar alguns d'aquelles que tanto amei, como eu, pendidos para o crepusculo. Como poderia occultar-vos o immenso jubilo de que estou possuido, ao vêr n'esta sala alguns dos legitimos representantes dos que, pela liberdade viveram e por ella soffreram e se sacrificaram, legando-nos o difficil mas grato encargo, não só de a conservar e de a defender, de a mantêr integra, como a bandeira de um regimento, senão tambem o de accrescentar novas victorias ás antigas victorias, aos antigos triumphos novos triumphos. N'esta religião, toda de piedade, de amor, de carinho, tenho educado o meu espirito e n'ella espero morrer.

A amizade é um beneficio dos deuses, diziam os gregos. Emilio Castelar, a quem eu devi uma das raras consagrações da minha vida, depois de umas ligeiras escaramuças que tivemos na imprensa hespanhola, e que arrefeceram um tanto as nossas relações pessoaes, aproveitando uma das visitas da princeza Ratazzi a Lisboa, escreveu-me uma longa carta, na qual, entre outras coisas, me dizia o seguinte: «As luctas da politica, meu querido amigo, por mais gloriosas e brilhantes, não valem uma boa affeição que inunda os nossos corações de uma luz radiosa, divina, a unica capaz de espancar as trevas da discordia.»

Quando se chega á minha idade—já Lamartine o constatava—vive-se muito de recordações. Recordar, n'este caso, é resuscitar; é

evocar a ala dos namorados que nos tempos heroicos de mosqueteiro se batiam, quando não morriam, pela sua dama idolatrada. E a dama, para mim, foi sempre e é ainda a Ideia, a boa, a grande, a generosa Ideia; a origem de todos os commettimentos, de todas as audacias, de todos os heroismos; a Ideia, doce noiva espiritual, que não atraíça como os homens, que consola e faz viver; a Ideia, estrella, guia, pharol, que nos conduz á Terra da Promissão; a Ideia, mais poderosa do que os grandes potentados da terra, mais forte do que todos os exercitos do mundo, a Ideia em marcha não é outra coisa senão a propria humanidade descrevendo, através a historia e os seculos, a sua trajetoria luminosa, do mesmo modo que os astros nos espaços obedecem á lei da gravitação universal.

Athenas, com os seus monumentos—exclamava Castelar—Roma com as suas leis; Florença com as suas artes da Renascença; Veneza com a sua bussola; Pisa com a sua lei do pendulo; Strasburgo com a imprensa; o telephone,—acrescentarei—o telegrapho sem fios, o automobilismo, o balão dirigivel, o aeroplano—que representa tudo isso senão a Ideia illuminando o mundo, como a colossal estatua da Liberdade que se encontra á entrada do porto de Nova-York?

Nada mais consolador e fortificante do que recordar nomes queridos e saudosissimos e relembrar sitios, onde, na despreoccupação dos annos, na suavidade bucolica de Virgilio, vivi as minhas primeiras illusões, povoadas pelas abelhas do Himeto, como o philosopho que da sua torre de marfim vê o mundo côr de rosa, através uma atmospheria diaphana e transparente.

## A supremacia moral

Felizes os que, longe do embate, do choque das paixões brutas e grosseiras, das ambições illegitimas e inconfessaveis, dos odios implacaveis, podem manter uma juventude espiritual, a eterna juventude, divinizada por Petrarcha, amando a Vida e o Universo, na triplice manifestação de belleza, de verdade e de justiça.

É essa mocidade espiritual, ou, antes, essa força moral que caracteriza o sabio, o philosopho, o poeta, o artista, emfim todos os privilegiados do espirito e do coração.

E foi seguramente essa mocidade espiritual, essa grande e poderosa força moral que, mais do que nenhuma outra, caracterizou esse homem raro, unico, excepcional, que viemos hoje aqui celebrar n'um frémito unisono dos nossos corações, na suprema vibração das nossas almas; a palavra feita luz, o verbo feito marmore, mais poderoso do que os thronos dos Cesares, do que as tiáras dos pontifices—José Estevão Coelho de Magalhães—personalidade de granito; cidadão feito para a antiga Roma que não para o Baixo Imperio de uma sociedade corrupta; o ideal da liberdade, do amor, da justiça, da emancipação humana, na sua maior elevação moral e civica, o ideal da patria, d'esse patriotismo que teve o seu echo triumphal no hymno da *Maria da Fonte*, como os revolucionarios de 89 o tiveram na sua immortal *Marselheza*.

Superior á força das bayonetas dos Hapsburgos, na Austria, de Eduardo III, em Inglaterra, de Carlos V e Philippe II, em Hespanha, de Luiz XIV e Napoleão I, em França, não cessarei de o repetir—está a acção moral do individuo que foi, é e será sempre o segredo da civilização. O homem não foi feito para um eterno martyrio e para repellir eternos attentados. Ha uma coisa superior a todas as luctas violentas: o dever reciproco. O methodo da civilização não se conquista, porém, com a mesma facilidade com que se conquista uma praça forte.

As procellas, as trombas, os cyclones—dizia o inclito Ruy Barbosa, n'um dos seus discursos gravados em bronze—devastam mas não duram. O que não passa é o oceano de verdades eternas, indifferentes ao rugir das paixões contemporaneas, e por sobre elle a immensidade siderea das almas, que és tu, ó liberdade!

As demagogias são cataclysmos passageiros. Quasi todas as

revoluções de vertigem popular naufragaram na dictadura. Só são definitivas as revoluções do direito e pelo direito: a que descaptivou a Hollanda, no seculo XVI; a que renovou a Inglaterra, no seculo XVII; a que organizou as colonias anglo-americanas, no seculo XVIII, e a que fizeram, no seculo XIX, a America latina, a Belgica, a Italia e a Grecia.

Ao contrario de Carlyle, que via na historia a obra pessoal e quasi exclusiva de alguns que elle denominou heroes ou grandes homens, Michelet, o seductor Michelet, via na historia a obra das multidões, a obra do povo, o protagonista de todas as revoluções.

Qual das duas theorias, qual dos dois criterios philosophicos será o verdadeiro?

Eu creio que ambos, porque, assim como a acção completa o pensamento, assim tambem a Revolução completa a evolução.

Foi certamente Camillo Desmoulins, quem, no Palais Royal, n'uma noite, ao mesmo tempo tragica e festiva, interpretando o sentimento francez, e, mais do que o sentimento francez, o sentimento humano, soltou o grito libertador—*Á Bastilha!* Mas foi a população do bairro de Santo Antonio, composta de esfarrapados, de famintos, de andrajosos, de *sans culottes*, da canalha, na linguagem da Ordem, quem a assaltou e a derrubou. Quero referir-me á Bastilha franceza, do seculo XVIII, porque, depois d'isso, quantas Bastilhas se ergueram e quantas estão ainda de pé, para vergonha da civilização e da humanidade!

Foi, sem duvida, Emilio Zola quem, no processo Dreyfus, interpretando ainda o sentimento humano, soltou aquell'outro não menos formidavel brado: *Accuso!* Mas foi a opinião mundial, foi a consciencia collectiva, quem lhe deu a victoria, assim como foi a opinião mundial, a consciencia collectiva, quem denunciou o assassinio judiciario de Francisco Ferrer. Não foram os Pyreneus que separaram momentaneamente a Hespanha da Europa; não foi o Oceano que a separou da America: foi o carrasco, com as mãos retintas de sangue, quem a isolou do mundo civilizado.

Foi Leão Tolstoi quem proclamou a recusa ao serviço militar, como meio de acabar com as guerras que ensanguentam a humanidade. Mas foram as massas populares, foram os intellectuaes, que julgam sempre em ultima instancia, tribunal acima do qual não ha, não póde haver, outro tribunal, quem lhe assegurou o triumpho moral.

Isto quer dizer, que a iniciativa individual só é fecunda, quando coroada pelo esforço collectivo. Entregue e abandonada a si, raramente consegue vencer.

Os homens só são grandes e só poderão chamar-se heroes, quando vivem para os seus semelhantes, quando os seus corações pulsam e vibram com o coração do povo, n'um mesmo ideal e n'uma mesma aspiração!

## Os heroes

Serão, porém, admissiveis os heroes?

O proprio tribuno, no seu famoso discurso da *Charles et George*, illuminado pelo mais ardente patriotismo, repudia-os com aversão. *Detesto os heroes todos. Os heroes são excepções monstruosas da nossa natureza*—dizia elle.

Aqui revela-se o precursor do pacifismo, isto é, da justiça integral e da paz universal, que hoje preoccupa e absorve todos os grandes pensadores do Universo. Porque José Estevão foi, principalmente, um illuminado, um vidente, um precursor, como tentarei provar na sequencia do meu discurso.

José Estevão repudiava certamente os heroes que se assignalam nos campos da batalha, devastando como cyclones, matando como assassinos, roubando como ladrões, os heroes, synonymos de guerra

e de conquista.

A guerra! Ironia pungente, sarcasmo cruel da civilização!

Uma pobre mulher do povo amamenta o filho com o sacrificio do proprio sangue; instrue-o e educa-o com o sacrificio do proprio estomago; e, quando a creança se torna um homem, um operario, um trabalhador, de modo a poder amparal-a n'uma velhice repousada, vem a ordem soberana em nome da lei, e manda-o para os campos de batalha, como se mandam as rezes para o matadouro —para o matar...

Mas José Estevão não podia repudiar, com a mesma aversão, os heroes que se assignalam no campo do pensamento, melhorando as condições da existencia, tornando os homens mais felizes, porque elle foi a encarnação mais pura, mais viva, mais authentica d'esse heroismo.

Que são, com effeito, os heroes da antiguidade, Annibal, Cesar, Napoleão, comparados com os heroes do nosso tempo, com os Berthelot, com os Pasteur, com os Victor Hugo, com os Curie, com os Edison, com os Darwin, com os Herbert Spencer, com todos os bemfeitores da humanidade, emfim?

Heroe, n'esta accepção, é synonimo de soberania moral e intellectual. E foi esta soberania que José Estevão exerceu na sociedade portugueza e que o fez entrar na immortalidade da historia.

*«A supremacia moral é o unico poder verdadeiro. Os caracteres superiores e os superiores talentos são aquelles que têm tanta perspicacia para conhecer a verdade, como força para propugnar por ella.»*

## **A psychologia de José Estevão**

Não nos precipitemos, porém.

Para bem penetrar a psychologia de um homem celebre, torna-se mister averiguar, inquirir, investigar o meio em que se desenvolveram as suas faculdades, em que se expandiu a sua acção moral e social.

José Estevão nasceu em Aveiro.

Quantas vezes, na sua predilecta Costa Nova do Prado, o mar, na sua immensidade, na sua grandeza, na sua magestade, o mar gigante e indomavel, provocando a nostalgia de mundos infinitos, lhe não teria suggestionado alguns dos mais bellos pensamentos dos seus discursos emocionantes? Quantas vezes não teria comparado o oceano com as grandes revoluções da historia, pelo seu correr impetuoso, pelo seu rugir leonino? E, quantas vezes, o não teria cotejado com a humanidade, quer nas horas de bonança, quer nas horas terriveis em que a onda galga o rochedo e invade, alterosa, a praia, como protesto contra a intrusão dos homens, e que é a perfeita imagem das horas tragicas da insurreição, que para os povos calcados, pisados e escravizados representa um direito, muitas vezes um dever, e, algumas vezes tambem, uma necessidade.

José Estevão nasceu em Aveiro.

E, assim como a população dos centros industriaes é naturalmente propensa ás ideias socialistas, a população das terras maritimas é naturalmente propensa ás ideias republicanas, talvez pela independencia que só a natureza póde dar.

Sempre me hei de lembrar que encontrei nos pescadores de Aveiro os meus primeiros adeptos e nunca esquecerei a galhardia, o garbo, a intrepidez com que os vi marchar, através as ruas de Lisboa, no cortejo civico do tri-centenario de Camões, ladeando o carro do *Commercio e Industria*.

Foi um passeio triumphal que lhes preparei que redundou n'uma

immensa apotheose, apotheose romana, a Aveiro e aos aveirenses.

O pescador e o mineiro são para mim as duas entidades mais sympathicas e que mais me enternecem.

É preciso ter descido a uma mina, como eu descí, na Belgica, para se avaliar o que representa em esforço, em sacrificio, em abnegação, em heroismo, a vida do mineiro.

N'uma especie de ascensor, improvisado com taboas e cordas, descí trezentos metros abaixo do solo—a altura da Torre Eiffel, de Paris. As galerias são percorridas pelos wagonetes que assentam em *rails* n'uma extensão de muitos kilometros. O mineiro, mascando o carvão para illudir a propria fome, está ordinariamente de costas, com a lanterna cingida á testa ou ao ventre, de picareta em punho, para melhor poder extrahir o minerio. Os trabalhadores formam dois turnos: um que desce ás 6 da manhã e sóbe ás 6 da tarde, e outro que desce ás 6 da tarde e sóbe ás 6 da manhã.

E tal é o terror que os domina, ao descerem aos poços, que a muitos vi eu, com espanto, persignarem-se e benzerem-se, como quem se despede da luz e não tenciona mais regressar.

São escolhidos de preferencia os celibatarios. Até as alegrias da familia lhes são defesas! E quantos não vão encontrar a cegueira, e quantos não vão encontrar a mais affrontosa das mortes n'aquellas catacumbas immensas!

E, ao passo que as companhias mineiras dão aos seus accionistas 20, 30, 40 e 50 por cento de dividendo, o mineiro ganha o indispensavel para não morrer de fome. Allí, constatei, como tinha igualmente constatado na Bolsa de Berlim, vasta *menagerie* de feras ambiciosas, quanto o socialismo tem uma razão logica de ser. Permitti, senhores, que exclame, com Paulo Luiz Courier: *Ó grandes da terra, olhae para o que se passa e tende juizo se podeis!*

Do pescador, nada vos direi, porque todos vós conheceis a sua temeridade e o seu arrojo, expondo a vida com a serenidade dos grandes heroes, para alimentarem os seus semelhantes.

Ainda por occasião do cortejo civico do tri-centenario de Camões, Ramalho Ortigão, na occasião em que se organisava a procissão, no Terreiro do Paço, tomando-me do braço, levou-me a vêr o que elle chamava os seus pescadores, os povoeiros, os pescadores da Povoia de Varzim, e indicando-me um, disse-me: este salvou seis vidas. Tinha o peito coberto de medalhas, como os generaes famosos. Por meu turno, tomando-o tambem pelo braço, fui mostrar-lhe aquelles a que eu chamava os meus pescadores, os pescadores de Aveiro, e indicando-lhe um, accrescentei: este salvou 12 vidas. Não tinha uma unica medalha ao peito. Bem se via que era da patria de José Estevão!

José Estevão bebeu no berço o leite da liberdade, se assim me posso exprimir; e, chegado á idade da razão, acompanhou em espirito a mais cosmopolita de todas as revoluções—a revolução de 1848.

Um seu e meu dilecto amigo, José Elias Garcia, alludindo ao facto, disse-me um dia: «Quando esse movimento, que tantas esperanças havia alimentado, fracassou em França, houve alguém que chorou em Portugal. Esse alguém fui eu.»

Nenhuma revolução logrou, com effeito, como esta, apaixonar e commover os espiritos, pelo seu sentimentalismo idealista e humanitario.

## O socialista

O sentimento de então transformou-se, porém, n'uma realidade positiva, moral e humana que hoje assoberba o mundo e ameaça abalar a sociedade pelos alicerces, tendo invadido até as espheras governamentaes.

Lloyd George, um digno continuador de Lincoln, o rachador de lenha, que, pelos proprios meritos, chegou á presidencia da Republica dos Estados Unidos da America, ao apresentar o seu orçamento á Camara dos Communs, exclamou: «Que ninguem se illuda! O meu orçamento é um orçamento de guerra, de guerra contra o pauperismo que todo o governo tem obrigação de attenuar, senão de extinguir.» N'um *meeting*, em Londres, onde me foi dado ouvil-o, confirmou esta phrase e accrescentou: «É uma guerra entre os que possuem e os que não possuem, entre o rico e o pobre, uma guerra entre a democracia socialista e a oligarchia financeira, entre o pacifismo e o imperialismo, entre o proteccionismo e o livre cambismo, entre a Inglaterra do passado, com todos os seus vicios, e a revolução no sentido governamental da palavra. É preciso fazer desaparecer, em nome da civilisação, os contrastes que envergonham uma cidade como Londres. Ao passo que, no primeiro hotel da cidade, no *Cecil Hotel*, se banqueteiavam todas as noites, em festins romanos, os *lords*, os fidalgos, os burguezes, fazendo espumar o *Champagne* como as aguas da cataracta do Niagara, na trazeira do mesmo edificio que confina com o Tamisa centenas de vagabundos, de miseraveis, sem pão e sem trabalho, o que equivale a dizer sem patria, achegados uns aos outros, para receberem dos seus semelhantes o calor que o proprio sangue lhes não dá, cobrem o corpo com folhas de jornaes, para não morrerem inteiramente gelados. Qualquer *lord*, que é a expressão da ociosidade e do parasitarismo, não vale uma unica das minhas medidas!»

Quando cheguei a Londres, Kropotkine disse-me: «A Inglaterra é o paiz mais supersticioso do mundo. Estando em Brighton, e chovendo ligeiramente, abri o meu chapeu de chuva. Das janellas de uma casa para a qual eu me dirigia, duas meninas gritaram angustiosamente: Feche o chapeu, sr. Kropotkine! Obedeci automaticamente. Mas, perguntando depois o motivo de tal afflicção, ellas responderam-me: Ora essa! Pois não sabe? Entrar n'uma casa com o guarda-chuva aberto é morte certa.»

No fundo de cada inglez ha um pastor protestante, como no fundo de cada francez ha um pequeno Napoleão, como no fundo de cada hespanhol ha um D. Quixote, como no fundo de cada portuguez ha um frade. A Inglaterra é um mixto de tradicção medieval e de progresso moderno. O socialismo quer e procura emancipal-a dos vicios do passado. E são o partido do trabalho, o syndicalismo operario, as sociedades eticas, por sobre as quaes paira o espirito de Herbert Spencer, que se impõem pela sua grandeza moral. É o quarto estado que surge com as suas legiões de trabalhadores, para, á semelhança do Mazzanielo napolitano, reclamar os seus direitos, isto é, o logar que lhe compete n'uma sociedade organizada. É um velho mundo que desaba e uma aurora que se ergue, radiosa, sobre as ruinas do passado!

*«Não ha nações morgadas nem familias morgadas—disse José Estevão.—A humanidade não cabe no mundo com o seu numero e com as suas aspirações. E esta verdade, que se tornou experimental, tornou impossivel a existencia da propriedade territorial, inculta e abandonada, quer pelas mãos dos individuos, quer pelas mãos dos povos. O trabalho é o principio e o complemento de todo o direito de possuir.»*

E era de vêr o ardor com que elle combatia os impostos indirectos: *«Detesto, acho repugnante, altamente injusto, radicalmente antidemocratico e desigual, o imposto indirecto.»*

Com respeito ás leis da usura: *«Se ellas estão revogadas pelos poderes da terra, ainda estão vigentes para as almas nobres, e eu hei de ser sempre anachronico nos sentimentos de indignação que voto á classe que trafica com a miseria e o suor dos seus semelhantes.»*

O socialismo era para José Estevão *um progresso*. O seu apparecimento tornava-se *urgente*. *Utopia* só podia ser o *estacionamento!*—exclamou.

## O democrata



José Estevão, estimulado pelas ideias humanitárias do seu tempo, fez parte do primeiro triumvirato republicano. As suas tendências reflectiram-se na admiração que professava por Lamartine.

É mr. de Lamartine—dizia—*um poeta que carpiu as miserias da humanidade; que cantou as suas glórias; que excitou os seus melhores instinctos; que levantou a coragem dos povos; que acalmou as suas demasias; que, com a sua palavra, suspendeu as paixões revolucionarias da França; é n'esta composição moral e intellectual que, no meu presentimento, está o simulacro da fortuna politica e de todos os governos do mundo.»*

O retrato foi feito por mão de mestre. Um episodio o demonstra. Um dia, o povo de Paris, como fera escapada da jaula do domador, pedia, defronte do palacio de Bourbon, a cabeça de Lamartine, o idolo da vespera.

—A cabeça de Lamartine! ella aqui está—exclamou o tribuno, assomando a uma das janellas, na sua figura erecta e principesca, com a sua sobrecasaca abotoada.

E aquella multidão, terrivel, colerica, ameaçadora, ante aquelle heroismo, bem superior ao heroismo dos campos de batalha, o heroismo que dá a serenidade, recuou, como vaga encapellada que se desfaz em espuma.

É da historia e da logica que todos os que marcham na vanguarda de um movimento politico ou social paguem com a vida o serviço prestado aos seus semelhantes. Todo o apostolado tem o seu calvario. E o martyrio que tem o seu baptismo de sangue é sempre o mais fecundo.

Em 1848 assignou com Oliveira Marreca—um santo que conheci e adorei—e Rodrigues Sampaio, um manifesto revolucionario que se destinava a fazer triumphar «*os principios democraticos, a causa das liberdades publicas e da emancipação dos povos.*»

Ainda aqui se nos revela José Estevão o precursor do movimento democratico, como se nos revelou precursor, nos seus monumentaes discursos do *Porto Pireu* e das *Irmãs da caridade*.

Na primeira d'estas orações, quando passa á historia da *ordem*—a ordem que forjou a espada organisadora de Nemrod; a ordem que fez de um almocreve arabe o chefe de uma religião; a ordem que compôz o balsamo de Ferrabraz; a ordem que fez as botas de Carlos XII, o chapéu de Henrique IV e o casaco de Napoleão—é simplesmente admiravel.

É um trecho eloquentissimo, unico no seu genero, pela elevação do conceito e energia da phrase, de uma rebeldia intensa, que Kropotkine assignaria com orgulho, pela ironia desdenhosa que revela e por todo um mundo de revolta que encerra.

## O anti-clerical

José Estevão não queria as irmãs da caridade, porque as considerava uma violação das leis do reino, d'aquellas que tinham levado ao throno a sr.<sup>a</sup> D. Maria II, que nunca capitulou, dentro da esphera do poder e das sympathias, com aquellas invasões surrateiras do poder ecclesiastico, que para ella eram suspeitas de serem contrarias ao poder representativo.

«Respeitemos essas leis,—dizia elle—porque vivemos por ellas. São as nossas leis, são o nosso coração, são a nossa vida, são a nossa historia.

Com essas leis no pensamento, entrámos sete mil perseguidos, sete mil expatriados, que tinham mais do que nós essas leis no pensamento, porque tinham visto n'essas congregações religiosas os instigadores e os conselheiros de uma tyrannia nefanda; porque tinham visto sahir d'essas casas ou corporações religiosas cohortes de testemunhas falsas que tinham ido aos tribunaes, para levantar com os processos judiciais os patibulos d'onde deviam cair as

cabeças d'aquelles que ellas tinham marcado como nefastos ao seu predomínio...

É preciso que nos convençamos de que não podemos salvar os objectos que veneramos, se não reunirmos todas as nossas forças constitucionaes e moraes, para desfazermos e contrariarmos as intrigas e os embustes, pelos quaes se quer repor outra vez no seu throno e predomínio estas instituições que nós combatemos, destruimos e desfizemos.

Taes instituições, pelas riquezas e influencias de familia, tornam-se nefastas aos poderes do Estado e ao exercicio das liberdades publicas.

«Sou inimigo das irmãs da caridade,—dizia—porque as considero como um ataque ao principio de familia; e a caridade attribuida a uma certa instituição, com o piedoso fim de educar as creanças e tratar dos enfermos nos differentes paizes da terra, é uma malicia ostentosa feita em nome de Deus.

«Não se queima só, queimando as carnes, carbonisando os ossos; queima-se apartando do coração, desfazendo e levando para longinquas paragens o que elle tem de mais caro.

«Sr. presidente, isto não é questão de irmãs da caridade, estão enganados; é mais alguma coisa, é a questão das ordens religiosas; é a sua elevação ao estado primitivo.»

O espirito catholico congreganista é adverso aos principios liberaes e por isso carece de ser vigiado de perto. As irmãs da caridade são uma emanação do espirito jesuitico e em volta d'essa congregação juntaram-se todas essas ideias que ficaram desbaratadas e destruidas pela perseguição que se fez a essa instituição. A religiosidade, no sentido que lhe dão os theologos, não dispensa o culto externo; e o culto externo das irmãs da caridade é pouco consentaneo com as formas, com os costumes e com as prevenções da auctoridade civil.

Foi justamente para provar que a mulher portugueza era tão boa ou melhor educadora que as irmãs de caridade francezas, expulsas do nosso paiz, graças ao seu formidavel libello, que José Estevão fundou o Asylo de S. João, com sede em Lisboa e Porto e que com muito prazer nos é dado representar n'este logar.

O que pedem os liberaes?

O rigoroso cumprimento dos decretos que não foram revogados: de Pombal que expulsou os jesuitas; de Joaquim Antonio de Aguiar que dissolveu as congregações religiosas e de Loulé e Braancamp relativo ás irmãs da caridade.

Pedem a revogação do decreto de abril de 1901 (Hintze Ribeiro) que, prohibindo o noviciado e a clausura, dá, todavia, existencia legal ás congregações religiosas, desde que se trate de ensino e beneficencia que são precisamente as duas armas mais perigosas de que o clericalismo usa e abusa a seu talante e por causa das quaes foi expulso de França.

A natureza offerece-nos universalmente um espectáculo desolador: a força triumphante. Mas o homem, sahido da longa evolução dos seres organisados, concebeu a noção da justiça e experimentou os transportes do amor, não do amor que se manifesta no calor do sol, no perfume das flôres, no brilho das estrellas, no murmurio das aguas, no crescimento das arvores, mas do amor que se revela nos individuos, nas classes e nos povos solidarios.

Brada-se a cada passo, clamei eu ha dias n'uma reunião, contra os bandos de mendigos, de vadios, de miseraveis, de analphabetos, que enxameiam, pelas ruas das grandes cidades, como se a culpa fosse d'elles, filhos espurios de uma sociedade madrasta. A culpa é toda

nossa; a culpa é do egoísmo colectivo. A vagabundagem, a mendicidade não se evita com a repressão, com as casas de correcção, com a esquadra policial. Evita-se e corrige-se com as casas de trabalho, com as colonias agrícolas, com as crèches, com escolas, como as nossas escolas liberaes e com asylos, como o Asylo de S. João.

A estas manifestações de amor, chama-se solidariedade, que póde resumir-se n'esta palavra de ordem: viver para os seus semelhantes.

## A Maçonaria Portuguesa

E, aqui, permitta-nos a assembleia que o Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa preste uma homenagem calorosa, ardente e enternecida a quem tão alevantadamente a representou, a quem tão alevantadamente manteve o seu prestigio e o seu renome. E que ninguém se assuste! Muitas vezes vos terão dito, Senhoras, que a Maçonaria é uma sociedade de malfeitores.

Se ser malfeitor é amar a humanidade, ouvir a voz da natureza que nos brada: Todos os homens são irmãos, todos constituem uma unica familia; se ser malfeitor é fazer o bem pelo amor do proprio bem e escutar a voz da consciencia; se ser malfeitor é amar a verdade, praticar a justiça, e proceder com rectidão; se ser malfeitor é obedecer á razão, esclarecida pela sciencia; se ser malfeitor é amar os bons, fugir dos maus, mas não odiar ninguém; se ser malfeitor é ser progressivo; se ser malfeitor é ser tolerante, regosijarmo-nos com a justiça e insurgirmo-nos contra a violencia e a iniquidade; se ser malfeitor é accender essa immensa fogueira a que se chama a escola; se ser malfeitor é arrancar uma faisca de cada syllaba soletrada; se ser malfeitor é desenvolver o cerebro da creança pela instrucção; se ser malfeitor é formar o character pela educação; se ser malfeitor é combater o prejuizo, o preconceito, o fanatismo, a superstição, o erro e a mentira; se ser malfeitor é viver para os nossos semelhantes; se ser malfeitor é moralisar pelo exemplo; nós, os maçons, reivindicamos, com orgulho, esse titulo de honra.

José Estevão que, na *Flecha dos mortos*, como Baudin na barricada de Paris, affrontou as balas inimigas com bravura epica, José Estevão, soldado e tribuno, foi Grão-Mestre da Maçonaria portugueza, como o foi o general Gomes Freire de Andrade, enforcado na explanada da Torre de S. Julião da Barra, por ter commettido o enorme crime de ser portuguez n'um momento em que muitos eram inglezes. Umás modestas flores solitarias, cultivadas por mão amiga, á maneira das cruzes de madeira que o viandante encontra nas estradas desertas, attestam que n'aquelle logar se matou um homem. José Estevão foi Grão-Mestre, como o foi o duque de Loulé, como o foi José da Silva Mendes Leal, como o foram o conde de Paraty, o conde Valbom, o visconde de Ouguella, Bernardino Machado, o coronel Ferreira de Castro e o Conde das Antas; como o foi o illustre professor Antonio Augusto de Aguiar; como o foi o mallogrado chefe republicano José Elias Garcia, cujo enterro representou a apothese de todos os que aspiram a uma patria livre; como foi Grão Mestre o rei Eduardo, de Inglaterra, e, como o é actualmente, o duque de Connaught, seu irmão; como foi Grão-Mestre o rei Oscar, da Suecia; como o foram José da Silva Carvalho e Passos Manuel; como o foram os imperadores Guilherme I e Frederico, da Allemanha, e, como o é ainda hoje, por intermedio do seu representante, o imperador Guilherme II; como foram maçons os patriotas de 1820.

Um professor da Universidade Livre de Bruxellas, n'um livro recente sobre *Politica internacional*, affirma que a grande revolução de 89 não teria tido logar se não fosse a Maçonaria. Mirabeau, S.<sup>t</sup> Just, Sieyès, Camillo Desmoulins, Lafayette, Danton, Boissy d'Anglas foram maçons. Diderot pertenceu á Loja dos *Nove Irmãos*, de onde sahio a *Declaração dos direitos do homem*. Foi maçom o sabio Littré, que, sendo iniciado na loja da *Clemente Amité*, tomou como divisa: «O principal dever do homem para comsigo mesmo é instruir-se; o principal dever do homem para com os seus semelhantes é instruil-os.»

Por toda a parte se accentua uma tendencia para um fim determinado: a unidade espiritual da humanidade. Apparentemente separados, os espiritos criam e desenvolvem a consciencia da sua unidade. Apesar de não dependerem uns dos outros, encontram-se todavia, ligados por afinidades espirituas, descendentes de uma mesma raça ou cidadãos de um mesmo Estado.

Para os que conhecem os signaes do tempo, não são os Estados nacionaes que representam as unidades economicas predominantes, nem são tambem os systemas religiosos que levam os homens a fraternisar uns com os outros: é a vida mundial á qual está cada vez mais subordinado o trabalho de cada individuo e de cada Estado; é a ideia de uma humanidade harmonica; é o internacionalismo que se revela como o culto do futuro. E a unica instituição que, através todas as perseguições e todas as vicissitudes, se tem mantido com caracter universal, é a Maçonaria.

A mensagem de José Estevão, dirigida em 1862 ao povo maçonico, é de uma actualidade palpitante e dir-se-hia escripta ha poucos dias e ha poucas horas—tal era a sua previsão!

«O que é a reacção que invadiu o nosso paiz senão um d'esses trabalhos insidiosos e solapados contra todos os grandes principios, porque a Maçonaria tem sempre combatido com tanta coragem e perseverança?

«Esta fórmula de combater não é a que elles preferem. Adoptam-n'a por necessidade. Se lhe fôra possivel n'um momento derrubar a obra da razão e da philosophia, não demoravam esta almejada catastrophe. Mas transigem com as circumstancias e adoptam o arbitrio de temporisar.

«Os inimigos, porém, são os mesmos. Os gritos de peleja são os que eram bradados em tempo de mais poder. Agora segredam-nos, mas exprimem as mesmas paixões, os mesmos intuitos. Ao som d'elles, foram ganhas execraveis batalhas contra os fóros da humanidade. Agora, com as mesmas evocações, são praguejados os seus progressos e embaraçada a sua marcha no caminho da perfeição.

«A Maçonaria deve acordar do seu lethargo, levantar a sua bandeira, inspirar-se das suas recordações, tomar o seu posto tradicional. Se assim não fizermos, trahimos o juramento que prestámos, injuriamos a memoria dos irmãos, nossos passados, e usurpamos o titulo de maçons, porque o não é, porque não merece tal nome aquelle que é tardo em acudir pela defeza dos principios da sua ordem, aquelle que se cança na lucta e deixa as armas no campo.

«Cumpre á Maçonaria vigiar as praias da civilisação e ter bem policiados todos os signaes e precauções, para evitar aquelles enganos, desassustar a navegação, e tornar a viagem dos homens e das nações n'este mundo, mais certa, mais livre, mais virtuosa e mais honestamente aprazivel.»

Meus senhores: Escreveu Maximo Gorki que ha duas maneiras de viver: a putrefacção que é propria das almas egoistas e vis e a combustão que representa o calor, a vida e o movimento.

José Estevão viveu em plena combustão, e foi, em Portugal, não só o precursor do pacifismo, do socialismo, do movimento democratico, do anarchismo scientifico e philosophico, do anti-clericalismo, senão tambem a mais alta encarnação do genio latino, ao qual a humanidade deve o nascimento e o renascimento da civilisação; d'esse genio que irradia sobre o mundo e que todos os dias, no dizer de Anatole France, nos dá mais sciencia, mais liberdade, mais belleza, uma justiça mais justa e leis melhores; d'esse genio que não morreu ainda, nem morrerá nunca, como alguns erradamente suppõem, porque tem na America a sua continuação e a sua immortalidade pela sua raça, pela sua historia, pela sua tradicção, pela sua lingua, a verdadeira patria espiritual.

«Para o futuro—dizia—pertencerei decerto ao partido que começa a formar-se, que já está crescendo, que vive entre nós sem termos dado por tal, que nos inspira sem nós o sentirmos e que mesmo do berço dirige as coisas publicas e domina até os homens de mais

forte vontade... Se este partido fosse obra dos homens ou a sua criação pudesse ser contrariada por elles, talvez se não fizesse; mas esta ordem de coisas surge, rebenta da situação.»

Muitos lhe chamaram Demosthenes, outros Cicero, outros Mirabeau. Nada mais absurdo do que estas comparações que attestam uma mentalidade inferior. Cada orador obedece ao seu temperamento e é filho das circumstancias em que a sua palavra tem de actuar. José Estevão foi, principalmente, um grande tribuno, porque sentia estuar-lhe nas veias o sangue quente do revoltado, sem o que não ha sabios, nem philosophos, nem poetas, nem artistas. É com esta materia prima que se fabricam os heroes do nosso tempo. *In hoc signo vinces...*

Se os paizes se caracterizam, em geral, pelos nomes dos seus homens celebres, dos seus immortaes:—a França, por Racine, por Corneille, por Molière, por Lamartine, por Gambetta; a Inglaterra, por Byron, Shakespeare e Gladstone; a Allemanha, por Schiller, Goethe, Mozart, Beethoven; a Italia, por Dante, Petrarca, Mazzini, Garibaldi; a Grecia, por Homero e Demosthenes; Roma, por Virgilio e Cicero; a Hungria, por Kossuth; a Hespanha, por Velasquez, Cervantes e Castelar, nós, proclamando Portugal, como a patria de José Estevão, teremos prestado á sua memoria a maior das consagrações, tornando-o um symbolo—um symbolo da patria livre e redimida, da liberdade victoriosa e da emancipação da consciencia portugueza.

E é, solidario n'esta aspiração, que eu, em nome do Grande Oriente Lusitano Unido, não só felicito e louvo os promotores d'este centenario, como tambem convido a assistencia a não esquecer esta data que se tornará uma data historica nos annaes das celebrações nacionaes.

## **Do mesmo auctor:**

Miniaturas Romanticas

A Senhora Viscondessa (*romance*)

Costumes Madrilenos

A Questão do Banco Nacional Ultramarino

A Actualidade (*estudo economico social*)

Padres e Reis

O Papa perante o Seculo

Os Estados Unidos da Europa (*trad.*)

Revolta (*1.ª parte*)

Revolta (*2.ª parte*)

Pela Patria e pela Republica

O Socialismo na Europa

O Livro da Paz

O Primeiro de Maio

A Federação Iberica (*edição franceza*)

Paz e Arbitragem

O Federalismo

O Centenario no Estrangeiro (*conferencia*)

A Guerra e a Paz (*conferencia*)

A Obra Internacional (*edição portug. e franc.*)

O Congresso de Roma (*conferencia*)

\*\*\* END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O CENTENARIO  
DE JOSÉ ESTEVÃO: HOMENAGEM DA MAÇONARIA PORTUGUEZA  
\*\*\*

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE  
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE  
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

## **Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works**

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the

collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1

with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.



1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

## **Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™**

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

### **Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

### **Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate)

### **Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works**

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search

facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.